

BAKHTIN E SEU CÍRCULO: PRECIOSAS CONTRIBUIÇÕES PARA A PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS

Vanildo Stieg¹

Resumo: Este texto discute aspectos da perspectiva teórico-metodológica pautada no pensamento de Bakhtin e de seu Círculo. Tem como objetivo central acenar possíveis contribuições dessa perspectiva para/na realização de investigações em Ciências Humanas, sobretudo em temáticas de pesquisas em torno dos Estudos linguísticos. O texto, a partir de uma pesquisa bibliográfica, é tecido levando em consideração a seguinte pergunta-problema: como o pensamento de Bakhtin e seu Círculo pode colaborar no processo de investigação em ciências humanas, sobretudo no campo da língua(gem) (Estudos Linguísticos)? O estudo pretendeu evidenciar alguns elementos para subsidiar essa questão.

Palavras-chave: Bakhtin e Seu Círculo. Perspectiva bakhtiniana de pesquisa. Estudos linguísticos.

BAKHTIN AND HIS CIRCLE: PRECIOUS CONTRIBUTIONS TO RESEARCH IN HUMAN SCIENCES

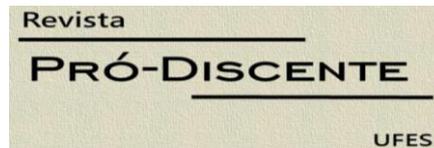
Abstract: This text discusses aspects of the theoretical-metological perspective based on the Bakhtin's thinking and his Circle. Its main objective is to point out possible contributions from this perspective to/in conducting research in the Humanities, especially in research themes around linguistic studies. The text, based on a bibliographic research, is fabricated taking into consideration the following problem question: how can the thinking of Bakhtin and his Circle collaborate in the process of research in the humanities, especially in the field of language? The study aims to bring some elements to support this issue.

Keywords: Bakhtin. Bakhtinian research perspective. Linguistic studies.

1 “PRIMEIRAS” PALAVRAS...

Todo o enunciado – desde a breve réplica (monolexemática) até o romance ou o *tratado científico* – comporta um começo absoluto e um fim absoluto: antes do seu início, *há os enunciados dos outros*, depois de seu fim, há os enunciados-respostas dos outros (ainda que seja como uma compreensão responsiva ativa muda ou como um ato-resposta baseado em determinada compreensão) (BAKHTIN, 2003, p. 294 grifo nosso).

¹ Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo PPGE/UFES. Professor do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/UFES, Vitória/ES. E-mail: <profdrstieg@gmail.com>.



Este texto, um “enunciado científico”, entendido como está expresso na epígrafe mencionada, não possui um começo absoluto (nem terá um fim absoluto). Ele foi se constituindo dos/nos diálogos tecidos entre os pesquisadores que estiveram no Simpósio² que coordenamos, intitulado *Pesquisa e ensino de língua: como nossas investigações têm dialogado com Bakhtin e seu Círculo*, o qual fez parte da programação do III Congresso Nacional de Linguística (CONEL), ocorrido na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES),³ em novembro de 2015.

Nessa ocasião, convidamos para compor uma mesa de debates, pesquisadores que em suas investigações assumem como referencial teórico-metodológico o pensamento de Bakhtin e seu Círculo. Desse modo, tivemos a apresentação de três pesquisas, sendo elas: *Cadernos escolares: lugares de autoria* desenvolvida por Fernanda Zanete Becalli⁴; *Contribuições do Círculo de Bakhtin para o estudo dos gêneros do discurso acadêmico em libras* de Philippe Domingos⁵ e *Práticas de leitura no ciclo de alfabetização* de Bárbara Cristina Jorge da Silva⁶.

Observamos que o modo como as pesquisas foram apresentadas possibilitaram participações/interações entre os expositores e ouvintes⁷, instaurando-se dialogia: palavras e contra-palavras circulavam/emergiam. Ao longo desse movimento, fomos tomando nota dos diferentes e diversos questionamentos, dúvidas, “complementações”, refutação etc. E mais, pelas colocações, em âmbito geral, realizadas pelos ouvintes, foi possível perceber que desejavam aprofundar o diálogo com Bakhtin e seu Círculo na/para a realização de suas investigações. Naquele contexto, um dos questionamentos mais recorrentes pode ser expresso nos seguintes termos: é notório que Bakhtin e seu Círculo, na atualidade, tem instigado (cada

² A ideia de pensar e desenvolver o Simpósio, com a temática citada, teve suas origens nas discussões desenvolvidas no Grupo de Estudos Bakhtinianos (GEBAKH/UFES), coordenado pelo Professor Doutor Luciano Novaes Vidon, do curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGEL/UFES). Entre as atividades desse grupo, centra-se, como uma de suas principais, a realização de estudos de textos produzidos por Bakhtin e seu Círculo bem como de textos de pesquisadores nacionais e internacionais que tomam a perspectiva bakhtiniana na produção de suas pesquisas.

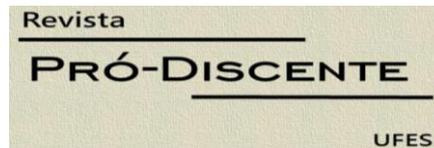
³ Página do site com toda programação desse evento: <http://www.conelufes.com.br/>. Acesso em: 05 jan. 2016.

⁴ Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/UFES). Professora do IFES/Vila Velha. Membro do Núcleo de Alfabetização, Leitura e Escrita do Espírito Santo (NEPALES/UFES).

⁵ Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGEL/UFES). Professor do IFES/Vitória. Membro do Grupo de Estudos Bakhtinianos (GEBAKH).

⁶ Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGE/UFES). Membro do Grupo de Estudos Bakhtinianos (GEBAKH) e do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre apropriação da Língua Portuguesa (GEPALP).

⁷ Enquanto tomei nota, na roda de conversa, foi possível correr o olho na lista de frequência, onde constavam os nomes dos inscritos e de onde advinham. Verifiquei que aqueles colegas – sem mencionar os da UFES – advinham de diferentes lugares (regiões/estados brasileiros) e de diversos Programas de Pós-Graduação (Mestrado e Doutorado) em Ciências Humanas (diferentes áreas), sobretudo a área dos Estudos Linguísticos.



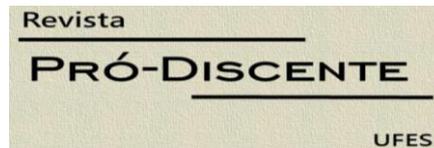
vez mais) a academia a pensar pesquisas no campo das ciências humanas. Porém, como o pensamento de Bakhtin e seu Círculo pode colaborar no processo de investigação em Ciências Humanas, sobretudo no campo da língua(gem) (Estudos Linguísticos)?

Diante desse questionamento, (elo discursivo na comunicação ininterrupta presentificada no/pelo grupo), naquela ocasião, foi possível debater e acenar aspectos que pudessem colaborar com a compreensão daqueles pesquisadores (de maneira rápida, pois havíamos pouco tempo para encerrar o Simpósio). Desse modo, foi necessário “encerrar” o debate. Porém, saí daquela ambiência percebendo a necessidade de retomar tal questão, em um texto. Certo estou que não é possível conseguir, e nem é a nossa pretensão, esgotar as possibilidades de responder tal indagação, aqui, neste texto. Porém, atrevo-me a procurar trazer, responsivamente, alguns aspectos em torno do pensamento de Bakhtin e de seu Círculo que poderão ampliar/expandir o questionamento apontado pelo grupo.

Assim, para cumprir a finalidade deste texto, vamos nos “limitar” em acentuar apontamentos em torno de três aspectos que consideramos fundamentais na perspectiva bakhtiniana e que podem colaborar com o pesquisador em suas questões de investigação: a) Bakhtin, filósofo humanizador das Ciências Hmanas: em defesa da “palavra viva”; b) Bakhtin e a instauração de uma concepção dos Estudos Linguísticos (metalinguística) questionando os estudos linguísticos “de sua época” e c) Pensando o sujeito bakhtiniano no contexto de pesquisa.

2 BAKHTIN, FILÓSOFO “HUMANIZADOR” NAS CIÊNCIAS HUMANAS: DEFENSOR DA “PALAVRA VIVA”

Ao longo do Simpósio mencionado, fizemos questão de anunciar aos participantes que o filósofo da linguagem Mikhail Mikhailovich Bakhtin e seu Círculo tem instigado, cada vez mais no Brasil e no mundo, a academia em suas diferentes áreas do conhecimento, a (re)pensar a vida (e com ela se relacionar) por meio de uma perspectiva dialética e dialógica de pesquisa. Entre essas áreas, encontram-se os Estudos Linguísticos. Ressaltamos que Bakhtin e seu Círculo ao anunciarem, em seus textos na Rússia dos anos de 1920, o “dialogismo” como princípio constitutivo da linguagem e, portanto, constitutivo do sujeito, que viver é dialogar, ofertaram a nós, pesquisadores dos Estudos Linguísticos, a possibilidade

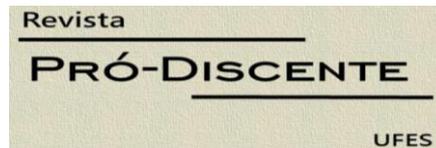


de pensarmos/problematizarmos/ampliarmos, de modo crítico, os fundamentos epistemológicos dos Programas de Investigação Científica (PIC) e as várias orientações teórico-metodológicas que constituem a ciência da linguagem, elaborados, historicamente, em diferentes épocas e por diferentes pensadores⁸.

Entendemos que na época de Bakhtin e de seu Círculo havia uma séria inclinação da academia russa para pensar a vida, as instituições sociais, a política, a economia, etc, a partir das correntes epistemológicas idealistas e empiristas (MEDVIÉDEV, 2012). Bakhtin e seu Círculo irão questionar essa posição oficial. Por isso, destacamos, aqui, que não foi por qualquer razão que Bakhtin em um pequeno ensaio por ele esboçado entre o final dos anos 1930 e início dos anos 1940, denominado *Os fundamentos filosóficos das ciências sociais humanas*, (que mais tarde dará origem ao texto que se chamará *Metodologia das ciências humanas*, consistindo em um dos capítulos do livro *Aestética da criação verbal* - obra póstuma), já expressava que “[...] o objeto das ciências humanas é o ser *expressivo e falante*. Esse ser nunca coincide consigo mesmo e por isso é inesgotável em seu sentido e significado” (BAKHTIN, 2003, p. 395, grifo do autor). Desse modo, o autor informa que, para ele, é inconcebível que exista um eu interior absoluto (em nós) e um eu absoluto (fora de nós). O que há é um sujeito datado, concreto historicamente e que, mesmo ao interagir nas diferentes esferas da sociedade em que habita, não perde a sua singularidade e autoria.

É importante lembrarmos que Bakhtin viveu na Rússia czarista a intensa revolução de 1917, os oito anos de governo do Estadista Vladimir Ilyich Ulyanov (Lênin), e todo o período de governo do Estadista Joseph Stálin, sofrendo, algumas vezes, sérias represálias. Quando entramos nos textos produzidos por Bakhtin e seu Círculo levando em consideração o contexto político e ideológico (período de 1917 a 1960) da Rússia governada pelos dois estadistas mencionados, começamos a compreender que as produções desse grupo de pensadores foram desenvolvidas corajosamente diante das tensões presentificadas naquela época, em especial, no período stalinista. Por essa razão é possível, sob a nossa perspectiva, pensarmos que as opções dos temas para estudo tomadas por Bakhtin e seu Círculo tinham relação estreita com o contexto e/ou trânsito geográfico em que vivenciaram no período já

⁸ MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2011, trazem um significativo panorama sobre os Programas de Investigação Científica historicamente construídos em torno dos estudos linguísticos. Tal panorama abrange dos “Estudos pré-saussurianos” a “Diferentes caminhos da filosofia da linguagem”. Uma obra escrita com a participação de importantes linguistas pertencentes a diferentes universidades brasileiras e que por essa razão tende a situar os que se inclinam a investigar os Estudos Linguísticos.



citado. A situação em torno de doenças vividas por Bakhtin associada ao fato dele assumir posições políticas que não coadunavam com as posições do estado stalinista fez com que este filósofo, a partir de 1924, permanecesse transitando, geograficamente, por algumas cidades da Rússia⁹.

Bakhtin tinha, efetivamente, um auditório para endereçar suas enunciações, marcadas/povoadas pelas tensões vividas por ele e seu Círculo, após a Revolução Bolchevique e a legitimação do Partido Comunista Soviético

[...] que sob o comando de Vladimir Ilitch [Lênin] teve como uma de suas principais metas a criação de um Estado Revolucionário permanente, através da institucionalização de uma hegemonia armada e de uma hegemonia especialmente singular, capaz de movimentar suas forças para elevação do nível cultural das massas urbanas e do campesinato (ZANDWAIS, 2005, p. 83).

Interessante é observar que Bakhtin não se permitiu constituir, nesse contexto, como um intelectual curvado ao modo de ordenamento dos interesses do Estado Bolchevique. Conforme lembra Zandwais (2005, p. 86), será “[...] a partir da relação paradoxal entre a soberania do intelecto sobre os interesses institucionais e a possibilidade de converter-se intelectuais em produtores para o aparelho político-partidário, na qualidade de porta-vozes de suas ‘razões institucionais’ [...]”, que se inscreve Mikhail Bakhtin e seu Círculo no contexto histórico da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Segundo lembra essa autora, Bakhtin e seu Círculo não se colocaram apenas

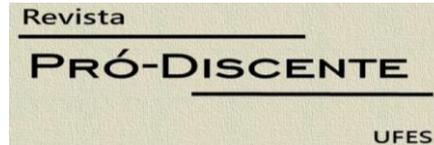
[...] como ‘pensadores não-oficiais’, mas como intelectuais que ousaram discordar de seus contemporâneos, produzindo leituras críticas acerca da superficialidade com que determinadas áreas de conhecimento serviram-se do materialismo histórico para reduzi-lo à condição de materialismo puramente empírico ou imediatista (ZANDWAIS, 2005, p. 86).

Zandwais (2005, p. 87), citando Laurat (1951, p. 3), ajuda-nos a compreender como se materializava o governo stalinista e o modo como as instituições produtoras da cultura e conhecimento eram vistas durante sua hegemonia.

[...] após 1929 nada se podia fazer sem a aprovação de Stalin, sendo organizadas, periodicamente, em intervalos cada vez mais breves, as ‘depurações ideológicas’ atingindo a todos os ramos da ciência e das artes, englobando a pintura e a música, em um país onde sábios, literatos e artistas são reduzidos a um papel de autômatos, de ‘matracas das teses oficiais’ [...].

⁹ BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin e seu Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009. Esta obra discute de forma instigante o trânsito geográfico de Bakhtin por diferentes cidades da Rússia, a mando do poder oficial da sua época.

Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 25, n. 2, p. 33-52, jul./dez. 2019.



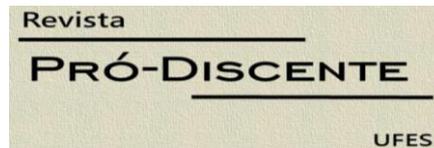
Bakhtin estava interessado em constituir uma abordagem teórica e literária para além do cientificismo pelo cientificismo, do formalismo, das normas e formas que se voltavam a prescrições da academia. A partir de suas discussões teórico-literárias, esse autor estava interessado em constituir uma abordagem autêntica capaz de apontar os equívocos produzidos por seus contemporâneos, equívocos que pretendiam reger os interesses teórico-práticos que subsidiariam “o consenso institucional” do “Estado Bolchevique”.

Segundo Zandwais (2005), Stalin (1950) buscava sustentar a construção de um projeto identitário nacional pela reificação de uma língua homogênea – o Grande Russo. Conforme coloca Zandwais (2005), Bakhtin discordava de tal posição, pois, para ele, a unidade identitária do Estado não poderia encontrar sustentação empírica no pressuposto de uma língua homogênea, em um simples culto à personificação da língua. Na verdade, conforme lembra Zandwais (2005, p. 94),

[...] esta seria a falsa fórmula encontrada por Stalin a fim de suplantar tanto a divisão entre os estados que compunham a União Soviética, como para apagar as diferenças étnicas, culturais e religiosas que povoaram as condições históricas de formação do Estado Soviético, enfim, a utopia de que uma sociedade dotada de uma única e mesma língua não estaria mais sujeita a redivisões ou a cisões.

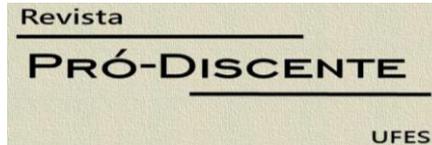
O casal Clark e Holquist (2008), considerados arqueólogos dos arquivos de Bakhtin, lembram que, somente no fim da vida, Bakhtin desfrutava do reconhecimento e respeito que merecia e sua obra começava a conquistar grande repercussão internacional. Embora aposentado desde 1961, o autor não interrompera sua atividade intelectual, acompanhava as revistas soviéticas *Questões de Literatura*, *Literatura Estrangeira*, *Ciência e Vida* e o *Jornal Pravda*, como também iniciou novos projetos de estudos e revisou diversos antigos. Em meados de 1974, o estado de saúde do pensador russo agravou-se de modo a impedi-lo de trabalhar. Bakhtin faleceu em março de 1975, após uma longa enfermidade. No entanto, sua trajetória de vida nos mostra que ele deixou muitas contribuições para os estudiosos que viriam se atrever, assim como ele, a se posicionar perante a vida de modo dialético e dialogicamente.

A compreensão que vimos desenvolvendo sobre a vida e lutas de Bakhtin e seu Círculo, até esse ponto deste texto, já nos permite pensar que uma das significativas contribuições de Bakhtin para o campo das Ciências Humanas e dos Estudos Linguísticos é a crítica declarada contra o caráter *coisificante/positivado* do ser humano. Bakhtin propõe, *ao invés de coisificação, a humanização*.



Sob nossa perspectiva, o pesquisador do campo das Ciências Humanas tem, neste breve panorama, elementos para entender que Bakhtin e seu Círculo desejam romper em sua época com qualquer tipo de autoritarismo, de imposição na relação com o outro. Bakhtin não negocia a perspectiva dialógica diante da vida. Por isso, acentua em seus estudos as categorias *alteridade* e *exotopia*; *Palavra e contra-palavra* na direção que possa qualificar/ampliar a compreensão dos interlocutores em profunda interação. Esse movimento é precioso na vida de um pesquisador ao procurar se relacionar com seu objeto e/ou questões de pesquisa.

Entendemos que orientações como essa, acenadas pelos estudos realizados por Bakhtin e seu Círculo, eram nutridas pelo desejo de que a *palavra viva (slovo)* pudesse circular no contexto que habitavam. De fato, em 1918 (um ano após a revolução), foi fundado o *Instituto Palavra Viva (Institut Zhivogo Slova - 1918)*, no tocante aos estudos e pesquisas em linguagem na Rússia, o qual foi criado pelos membros do Círculo de Bakhtin. É interessante pensarmos qual princípio sustentava esse Instituto. Conforme aponta Brandist (2012, p. 138), na abertura desse instituto, o Comissário para a Educação, Anatoli Lunacharski, “[...] declarou que a revolução havia tornado possível e necessário ensinar todo o povo a falar publicamente, ‘do pequeno ao grande’. Estava assim proclamado o princípio da *isçgoria*, ou igualdade do discurso, base da democracia ateniense [...] com referência à antiga Atenas, à inseparabilidade entre a palavra viva e a democracia” (*INSTITUT ZHIVOGO SLOVA*, 1919, p. 8, citado por BRANDIST, 2012, p. 132). Basicamente, foi esse princípio que Bakhtin e seu Círculo assumiram para nuclear os seus trabalhos. Bakhtin, por exemplo, toma como base em seus textos o argumento de que, assim como na praça pública grega, que constituía o Estado e todos os órgãos oficiais, “[...] não havia nada para ‘alguém sozinho’, nada que não estivesse sujeito ao controle e à causa do Estado público. Ali, tudo era inteiramente público [...]”, conforme aponta Brandist (2012, p. 21-22). Bakhtin e seu Círculo conceberão a ideia de que na construção de uma sociedade deve haver espaços em que todos pudessem exercer sua voz em pé de igualdade, assim como na praça pública ateniense. No entanto, logo no início dos anos de 1920, tal Instituto é fechado pelo poder oficial. Bakhtin e seu Círculo continuam defendendo a proposição do Instituto e por isso, algumas vezes, ameaçados e aprisionados (CLARK; HOLQUIST, 2008). Porém, continuaram a pensar, escrever e publicar suas ideias, incansavelmente, em defesa da *palavra viva (slova)* em oposição a *palavra morta* (positivismo) que passou a ser oficial/autoritária.



3 BAKHTIN E A INSTAURAÇÃO DE UMA CONCEPÇÃO DE LÍNGUA(GEM) PARA OS ESTUDOS LINGUÍSTICOS (METALINGUÍSTICA)

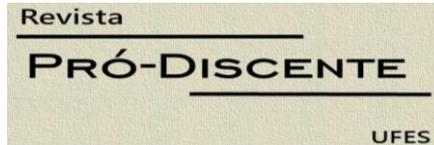
Outra questão significativa que pode favorecer os pesquisadores das Ciências Humanas e, em especial os investigadores dos Estudos Linguísticos a melhor se relacionar com suas questões de investigação, seria a compreensão acerca da concepção de linguagem em Bakhtin/Volochínov (2012). Entendemos que para chegarmos a tal compreensão é sempre bom retornarmos à obra *Marxismo e Filosofia da Linguagem (MFL)*¹⁰. Nela, sobretudo nos capítulos IV, V e VI, será discutido o percurso teórico realizado na direção de se defender a concepção de linguagem acolhida pela perspectiva bakhtiniana.

No capítulo IV de *MFL*, intitulado *Duas orientações do pensamento filosófico-linguístico* ao questionar “o que é a linguagem?”; “O que é a palavra?”, não no sentido de formularem conceitos em tornos desses termos mas antes de tudo, de conquistarem o real objeto de sua pesquisa, delimitando suas fronteiras, tratando-o a partir de uma perspectiva filosófica, Bakhtin/Volochínov naquele, contexto histórico (anos 1920), apresentam as soluções que a filosofia da linguagem e os estudos da linguística geral já haviam criado, divulgado e assumido como *verdades* oficiais. Segundo Bakhtin/Volochínov (2012, p. 74-92), na filosofia da linguagem e nas divisões metodológicas correspondentes da linguística geral, encontravam-se a presença de duas orientações principais, as quais consistiam em isolar e delimitar (fazer um recorte) tomando a linguagem como objeto de estudo específico¹¹. Bakhtin/Volochínov (2012) denominam a primeira orientação de *subjetivismo idealista*, representada por Wilhelm Humboldt, o qual estabeleceu seus fundamentos e a segunda orientação de *objetivismo abstrato*, representada pela escola de Genebra, com Ferdinand de Saussure, a qual mostrava-se como a mais brilhante expressão do *objetivismo abstrato* nos tempos de Bakhtin/Volochínov (2012)¹².

¹⁰ Usamos aqui a versão de *MFL* como um manifesto de homenagem a tal texto. Esse foi um dos primeiros textos traduzidos para a língua portuguesa de Bakhtin e seu Círculo e que alcançou os estudiosos da perspectiva bakhtiniana, no Brasil. Cabe ressaltar que no ano de 2017 foi lançado, pela Editora 34, um novo texto com nova tradução – contendo notas e glossário – pelas pesquisadoras Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. O texto intitula-se “Valentin Volochínov (Círculo de Bakhtin). Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem”.

¹¹ Isso, segundo Bakhtin e Volochínov (2012), acarretaria, por suposto, uma distinção radical entre essas duas orientações para todas as demais questões que se colocam em linguística.

¹² *MFL* aponta uma brilhante exposição acerca das duas orientações acima citadas. Como não é nosso objetivo, neste texto, explorar as minúcias acenadas por esse texto acerca dessas orientações, não atentaremos a explorá-las, aqui.



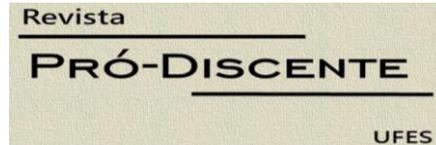
Enquanto para a primeira orientação, *subjetivismo idealista*, a língua constitui um fluxo ininterrupto de atos de fala, onde nada permanece estável, nada conserva sua identidade, pois o psiquismo individual constitui a fonte da língua (tendo como base as leis da psicologia individual), para a segunda orientação, *objetivismo abstrato*, a língua é um arco-íris imóvel que domina esse fluxo. Assim, para Saussure a língua é considerada como sistema de signos arbitrários e convencionais, essencialmente racionais. Segundo essa tendência, defendida pelo autor como o centro organizador de todos os fatos da língua, o que faz dela o objeto de uma ciência bem definida, situa-se, no sistema linguístico, a saber: o sistema das formas fonéticas, gramaticais e lexicais da língua. Desse modo, os Estudos Linguísticos deveriam se deter a estudar o código.

A língua entendida e aceita nesses termos ao ser ensinada na escola e/ou entendida/legitimada pela sociedade moderna, “[...] a começar do nível mais elementar de relações com o poder, se constitui o arame farpado mais poderoso para bloquear o acesso ao poder [...]” dos seus usuários (GNERRE, 1991).

Diante do que pontua Gnerre (1991), perguntamos: e para que serve o arame farpado? Serve para ameaçar/ferir, conter a vida, impedir, bloquear, delimitar espaços de um mundo mais amplo daqueles que estão dentro, certamente, de uma ambiência cercada. Gnerre (1991), ao usar a metáfora da língua como arame farpado, faz-nos pensar que é imposto, por exemplo, aos usuários de sua própria língua a ideia de que já existe, *a priori*, um sistema linguístico já pronto e acabado, sugerindo-lhes que naturalizem essa concepção. Desse modo, aprender língua seria aprender código. Seguindo esse modo de pensar, está implícito que não há linguagem e um mundo para se fazer/construir/ampliar/transformar, mas tudo já está imposto. Nega-se a verdadeira natureza da linguagem e, por conseguinte, a verdadeira condição humana: a condição de inacabamento.

Desse modo, Bakhtin/Volochínov (2012) no V Capítulo de *MFL* intitulado *Língua, fala e enunciação* que:

enquanto uma forma linguística for apenas um sinal e for percebida pelo receptor somente como tal, ela não terá para ele nenhum valor linguístico. A pura "sinalidade" não existe, mesmo nas primeiras fases da aquisição da linguagem. Até mesmo ali, a forma é orientada pelo contexto, já constitui um signo, embora o componente de "sinalidade" e de identificação que lhe é correlata seja real. Assim, o elemento que torna a forma linguística um signo não é sua identidade como sinal, mas sua mobilidade específica; da mesma forma que aquilo que constitui a descodificação da forma linguística não é o reconhecimento do sinal, mas a compreensão da palavra no seu sentido particular, isto é, a apreensão da orientação que é conferida à palavra por um contexto e uma situação precisos, uma orientação



no sentido da evolução e não do imobilismo (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 97).

E continua o texto:

Assim, na prática viva da língua, a consciência linguística do locutor e do receptor nada tem a ver com um sistema abstrato de formas normativas, mas apenas com a linguagem no sentido de conjunto dos contextos possíveis de uso de cada forma particular. Para o falante nativo, a palavra não se apresenta como um item de dicionário, mas como parte das mais diversas enunciações dos locutores A, B ou C de sua comunidade e das múltiplas enunciações de sua própria prática linguística (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 98).

Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. *A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial.* É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 98-99 grifo do autor).

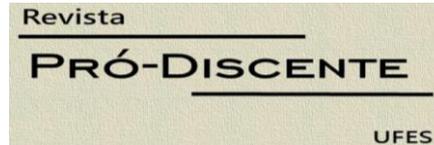
Assim, para Bakhtin/Volochínov, a orientação

[...] da palavra em função do interlocutor tem uma importância muito grande. Na realidade, toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente *o produto da interação do locutor e do ouvinte*. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 117),

pois

a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua.* O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação verbal. Mas pode-se compreender a palavra "diálogo" num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação verbal, de qualquer tipo que seja (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 127 grifo do autor).

Desse modo, em *MFL*, é defendida a concepção de que “[...] a língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 128). Disso decorre que a ordem metodológica para o estudo da língua deve ser o seguinte:



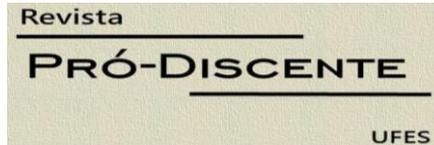
1. As formas e os tipos de interação verbal em ligação com as condições concretas em que se realiza.
2. As formas das distintas enunciações, dos atos de fala isolados, em ligação estreita com a interação de que constituem os elementos, isto é, as categorias de atos de fala na vida e na criação ideológica que se prestam a uma determinação pela interação verbal.
3. A partir daí, exame das formas da língua na sua interpretação linguística habitual (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p. 129).

Para a obra *MFL* é nessa mesma ordem que se desenvolve a evolução real da língua: as relações sociais evoluem (em função das infraestruturas), depois a comunicação e a interação verbais evoluem no quadro das relações sociais, as formas dos atos de fala evoluem em consequência da *interação verbal*, e o processo de evolução reflete-se, enfim, na mudança das formas da língua. A filosofia marxista da linguagem deve colocar como base de sua doutrina a enunciação como realidade da linguagem e como estrutura sócio-ideológica. Após ter mostrado a estrutura sociológica da enunciação, *MFL* nos convida a voltar às duas orientações do pensamento filosófico linguístico para obtermos algumas considerações (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012). Desse modo, *MFL* formula o próprio ponto de vista sobre linguagem, com as seguintes proposições:

1. A língua como sistema estável de formas normativamente idênticas é apenas uma abstração científica que só pode servir a certos *fins teóricos e práticos particulares*. Essa abstração não dá conta de maneira adequada da *realidade concreta da língua*.
2. A língua constitui um *processo de evolução ininterrupto*, que se realiza através da *interação verbal social dos locutores*.
3. As leis da evolução linguística não são de maneira alguma as leis da psicologia individual, mas também não podem ser divorciadas da atividade dos falantes. As leis da evolução linguística são essencialmente leis sociológicas.
4. A *criatividade da língua não coincide com a criatividade artística* nem com qualquer outra forma de criatividade ideológica específica. Mas, ao mesmo tempo, a criatividade da língua não pode ser compreendida *independentemente dos conteúdos e valores ideológicos que a ela se ligam*. A *evolução da língua, como toda evolução histórica*, pode ser percebida como uma necessidade cega de tipo mecanicista, mas também pode tornar-se "uma necessidade de funcionamento livre", uma vez que alcançou a posição de uma necessidade consciente e desejada.
5. A *estrutura da enunciação é uma estrutura puramente social*. A enunciação como tal só se torna efetiva entre falantes. O ato de fala individual (no sentido estrito do termo "individual") é uma *contradictio in adjecto* (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 2012, p.131-132).

Não será, evidentemente, por outro motivo que Bakhtin na obra *Problemas da poética de Dostoiévski* vai propor a criação de um novo campo de estudos. Um campo que extrapola a linguística estruturalista¹³ e dialoga com outras ciências, o que ele chama de *metalinguística*.

¹³ Bakhtin não desconsiderava a importância da linguística quando se pensa nos fins que motivaram a sua produção. Ele até mesmo acredita que as abstrações feitas pela linguística são legítimas e necessárias para o estudo de alguns aspectos do discurso (BAKHTIN, 2008, p. 207).



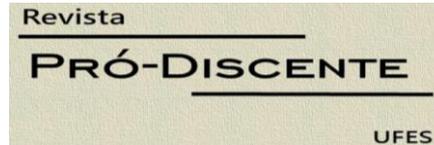
Assim, Bakhtin encontrou uma forma que pudesse entender/expressar a língua no seu movimento real vivo, não limitado a um mero sistema de abstrações estáticas, conforme expresso pela corrente estruturalista para os estudos linguísticos e/ou para os estudos literários, por exemplo, pois para Bakhtin, como um projeto para o estudo da vida do discurso a linguística se torna uma ferramenta limitada, pois o discurso, pensado no movimento vivo das relações intersubjetivas, passa a ser um objeto atravessado por muitas interfaces, essas, por sua vez, são passíveis de serem submetidas a múltiplos olhares.

Como esse projeto bakhtiniano (metalinguística) tem a ver com a discussão que Bakhtin realiza acerca da personagem nos estudos de Dostoiévski? Consideramos que essa compreensão é rica e pode ajudar o pesquisador a estudar o ser humano em plena articulação com a vida. No tópico a seguir, vamos tratar dessa questão.

4 PARA PENSAR O SUJEITO BAKHTINIANO NO CONTEXTO DE PESQUISA

Para o pensamento bakhtiniano, o ser humano é um ser expressivo e falante, inacabado, dialógico. Para falarmos do sujeito bakhtiniano, nos reportamos ao texto *O Romance de Educação e sua Importância na História do Realismo*, do livro *Estética da Criação Verbal* (2003). Bakhtin nos apresenta uma descrição sobre “[...] o problema do romance” (BAKHTIN, 2003, p. 217), cujo gênero ele classifica como *romance de educação*. Bakhtin classifica esse romance em cinco tipos, quais sejam:

- 1) O romance que traz a imagem da *personagem pronta*. O seu destino, sua posição social (na vida e na sociedade) e os acontecimentos mudam, mas a personagem continua imutável, igual em si mesmo. A personagem, na fórmula do romance, é uma *grandeza constante*, enquanto que o ambiente espacial, a posição social, os elementos da vida e do destino da personagem são tidos como *grandezas variáveis* (BAKHTIN, 2003, p. 219);
- 2) O *romance de formação do homem* produz a imagem do homem em formação. Nesse caso, a personagem é a *grandeza variável*, ganhando *significado de enredo*. Como exemplos ele traz: a trajetória da infância à juventude e da maturidade à velhice (tempo cíclico-idílico). Esse tipo de romance de formação é caracterizado



pela apresentação do mundo e da vida como *experiência*, como escola, pela qual todo indivíduo deve passar em educação;

3) O romance de formação do tipo biográfico (e autobiográfico). Sem características cíclicas, a formação é resultado das mudanças durante a trajetória de vida (BAKHTIN, 2003, p. 221);

4) O romance de formação que ele chama de *didático-pedagógico*. *É o romance que traz a ideia pedagógica concebida, em maior ou menor amplitude* (BAKHTIN, 2003, p. 221);

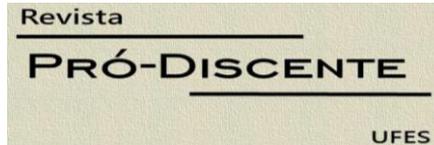
5) O romance de formação, que na concepção de Bakhtin, chamado de realista, é o mais importante. “Nele a formação do homem efetua-se no tempo histórico real com sua necessidade, com sua plenitude, com seu futuro, com seu caráter profundamente cronotópico” (BAKHTIN, 2003, p. 221). Além disso, em Bakhtin, o romance realista congrega, em seu bojo, os demais tipos de romances.

No romance realista de formação, a formação do homem acontece no tempo histórico real com sua necessidade, com sua plenitude, com seu futuro. Como vimos, nos outros quatro tipos de romance, a formação do homem acontecia sobre um fundo estático de um mundo pronto, estável (BAKHTIN, 2003, p. 221). Em caso de mudanças nesse mundo, essas eram periféricas, não afetando a formação do homem em seus fundamentos primordiais. Assim, no romance realista de formação,

[...] o homem se forma concomitantemente com o mundo, reflete em si mesmo a formação histórica do mundo. O homem já não se situa no interior de uma época, mas na fronteira de duas épocas, no ponto de transição de uma época para outra. Essa transição se efetivou nele e através dele. Ele é obrigado a se tornar um novo tipo de homem, ainda inédito. Trata-se precisamente da formação do novo homem, por isso, a força organizadora do futuro é aqui imensa, e evidentemente não se trata do futuro em termos privado-biográficos mas históricos (BAKHTIN, 2003, p. 222).

Assim como no romance realista de formação, Bakhtin acena e reafirma na obra *Problemas da Poética de Dostoiévski* (2008) a ideia de um sujeito ativo, que se concretiza nas relações dialógicas. Para Bakhtin, Dostoiévski criou um tipo inteiramente novo: o romance polifônico.

Ao tomarmos conhecimento da vasta literatura sobre Dostoiévski, temos a impressão de tratar-se não de um autor e artista, que escrevia romances e novelas, mas toda uma série de discursos filosóficos de vários autores e pensadores: Raskólnikov, Michkin, Stavróguin, Ivan Karamázov, O Grande Inquisidor e outros. Para o pensamento crítico-literário, a obra de Dostoiévski se decompôs em várias teorias filosóficas autônomas mutuamente contraditórias, que são defendidas pelos



heróis dostoiévskianos. Para uns pesquisadores, a voz de Dostoiévski se confunde com a voz desses e daqueles heróis, para outros, é uma síntese peculiar de todas essas vozes ideológicas, para terceiros, aquela é simplesmente abafada por estas. Polemiza-se com os heróis, aprende-se com os heróis, tenta-se desenvolver suas concepções até fazê-las chegar a um sistema acabado. O herói tem competência ideológica e independência, é interpretado como autor de sua concepção filosófica própria e plena e não como objeto da visão artística final do autor. Para a consciência dos críticos, o valor direto e pleno das palavras do herói desfaz o plano monológico e provoca resposta imediata, como se o herói não fosse objeto da palavra do autor mas veículo de sua própria palavra, dotado de valor e poder plenos (BAKHTIN, 2008, p. 3).

Dostoiévski nunca teve a pretensão de renunciar a voz da personagem. Ao contrário, há em suas obras muitas e diferentes vozes. Vozes plenivalentes, ou seja, plenas de valor, que possam manter com as outras vozes uma relação de absoluta igualdade como participantes do grande diálogo (BAKHTIN, 2008, p. 4).

Para Bakhtin (2008), o capitalismo criou as condições para um tipo especial da consciência solitária. E Dostoiévski revela toda a falsidade dessa consciência, que se move em um círculo vicioso (BAKHTIN, 2008, p. 342), que traz “sofrimento, humilhações e o não reconhecimento do homem na sociedade de classes” (BAKHTIN, 2008, p. 342).

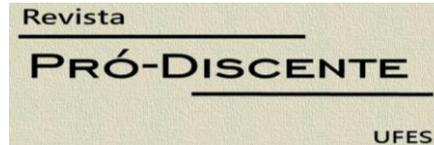
Vemos, assim, por meio da obra de Dostoiévski, que Bakhtin desenvolve não só seu conceito de polifonia, mas também algumas de suas principais concepções filosóficas, a partir da assertiva de que “o herói dostoiévskiano não é apenas um discurso sobre si mesmo e sobre seu ambiente imediato, mas também um discurso sobre o mundo: ele não é apenas um ser consciente, é um ideólogo” (BAKHTIN, 2008, p. 87). A partir desse aspecto, podemos inferir os seguintes conceitos desenvolvidos por Bakhtin: autoconsciência; a luta contra a coisificação do homem; e o caráter dialógico, a inconclusibilidade do herói/mundo/romance.

Para Bakhtin, a autoconsciência, essa consciência de si, só tem valor para o *herói*, quando é dele a última palavra sobre si mesmo e seu mundo (BAKHTIN, 2008, p. 53).

[...] não são os traços da realidade – da própria personagem e de sua ambiência – que constituem aqueles elementos dos quais se forma a imagem da personagem, mas o valor de tais traços para ela mesma, para sua autoconsciência [...] (BAKHTIN, 2008, p. 53).

A luta pelo homem, em Dostoiévski, ressalta a sua percepção da desvalorização coisificante do homem em sua época. Sua tentativa foi libertar o homem de se tornar um objeto, na perspectiva das relações de poder e do próprio capitalismo.

Quanto ao caráter dialógico, Dostoiévski dirige a palavra ao herói/personagem como alguém presente, que o escuta e lhe pode responder. Bakhtin (2008, p. 72) destaca a



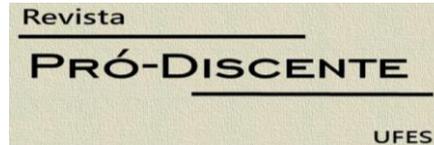
importância da palavra tratada dialogicamente em Dostoiévski e o papel insignificante do discurso monologicamente fechado, que não é suscetível de resposta. O autor também salienta que não há *fusão* das vozes e verdades numa verdade *impessoal* uma como ocorre no universo monológico. Dostoiévski, em seu romance polifônico, assume uma nova posição artística em relação ao herói: a inconclusibilidade, afirmando que ela

[...] é uma posição dialógica seriamente aplicada e concretizada até o fim, que afirma a autonomia, a liberdade interna, a falta de acabamento e de solução para o herói. Para o autor, o herói não é um “ele” nem um “eu” mas um “tu” plenivalente, isto é, o plenivalente do “eu” de um outro (um “tu és”). O herói é o sujeito de um tratamento dialógico profundamente sério, presente, não retoricamente dissimulado ou literalmente convencional (BAKHTIN, 2008, p. 71).

Para Dostoiévski, a verdade sobre o mundo é inseparável da verdade do indivíduo. O enredo em Dostoiévski, por exemplo, é desprovido de funções concludentes, pois tem a finalidade de colocar o homem em diferentes situações que o revelem e o provoquem. Busca juntar personagens, para fazer com que choquem entre si, de forma a não permanecerem no âmbito interior do enredo, mas de modo a ultrapassarem seus limites. As personagens de Dostoiévski se cruzam fora do tempo e do espaço, como duas criaturas no infinito (BAKHTIN, 2008, p. 312).

As ponderações de Bakhtin acenadas são frutuosas para o pesquisador ao se relacionar com suas questões de pesquisa. Bakhtin no texto “Metodologia das Ciências Humanas” (já citado) declara que é complicado as Ciências Humanas se atreverem a estudar o homem utilizando metodologias utilizadas nas Ciências da Natureza. Bakhtin (2003) afirma que as Ciências Humanas devem estudar o ser humano em sua especificidade humana, isto é, em processo de contínua expressão e criação. Segundo ele, a especificidade do humano é falar, é produzir textos. Desse modo, “[...] onde o homem é estudado fora do texto, e independente deste, já não se trata de Ciências Humanas (mas de anatomia, de fisiologia humanas etc.)” (BAKHTIN, 2003, p. 334). Assim entendido, considerar o homem e estudá-lo, independentemente dos textos que cria, significa situá-lo fora do âmbito das Ciências Humanas, significa situá-lo como nas Ciências Exatas e estas “[...] são uma forma monológica do saber: o intelecto contempla uma *coisa* e emite enunciado sobre ela. Aí só há um sujeito: o cognoscente (contemplador) e falante (enunciador). A ele só se contrapõe a *coisa muda*” (BAKHTIN, 2003, p. 400, grifo do autor).

Bakhtin (2003) nos informa que não é possível compreender o ser humano, sua vida, seu trabalho, suas lutas, senão por meio de textos, signos criados ou por serem criados por **Pró-Discente**: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 25, n. 2, p. 33-52, jul./dez. 2019.

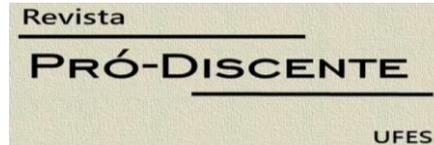


esses sujeitos. É basicamente por essa razão que, nessa perspectiva, o homem não pode ser estudado como um fenômeno da natureza, como coisa. A ação física do homem precisa ser compreendida como um ato, porém esse ato não pode ser entendido fora de sua expressão *sígnica*, que é por nós recriada. Esse entendimento chama a atenção para que o pesquisador assuma uma *atitude responsiva ativa* diante dos questionamentos que se propõe investigar. É uma atitude responsiva, porque uma investigação não pode parar apenas nos processos de constatação/produção de sentidos. Segue para além disso... ampliando a compreensão acerca do que se investiga e, ao mesmo tempo, modificando tanto o pesquisador quanto a vida que se presentifica nos diferentes contextos pesquisados.

5 CONSIDERAÇÕES QUE “NÃO FINALIZAM”...

Na obra intitulada *Mikhail Bakhtin*, o casal Clark e Holquist (2008) desenvolvem as *Considerações finais* apresentando, sob nossa perspectiva, um profundo sentido para o pesquisador no processo de feitura de suas investigações nas Ciências Humanas. Nessa parte, os autores lembram que Bakhtin dispensa a presença de um Padre que veio realizar algum momento solene ali com ele e em seu leito de morte. Porém, Bakhtin dispensa o Padre e faz um pedido: que lhe contasse a sua história favorita, “[...] o relato do *Decamerão*¹⁴ em que se operam milagres junto à tumba de um homem tido como santo, mas que fora na realidade um terrível velhaco [...]” (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 362). A partir desse fato, os autores nos ajudam a compreender que entre as lições a serem tiradas de uma história tão complexa como a de *Decamerão*, a mais significativa para entender Bakhtin é que sempre há uma escapatória: “[...] ‘a vida é cheia de surpresas’, ou ‘Deus age por vias estranhas para realizar seus milagres’” (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 362). Conclusões aparentemente tão banais reconhecem, segundo os autores, uma condição que em outro nível sempre atormentou a metafísica: “[...] nada jamais é tão completo, nenhuma palavra é final, não há explicações

¹⁴ De acordo com Guimarães (1981), *Decamerão* ou *Decameron*: ou Príncipe Galeotto - título no Brasil ou *Decameron* - título em Portugal. Vocábulo com origem no grego antigo: deca "dez", hemeron "dias", "jornadas". Consiste em uma coleção de cem novelas escritas por Giovanni Boccaccio entre 1348 e 1353. *Decamerão* é considerada um marco literário na ruptura entre a moral medieval, em que se valorizava o amor espiritual, e o início do realismo, iniciando o registro dos valores terrenos, que veio redundar no humanismo; nele, não mais o divino, mas a natureza, dita o móvel da conduta do homem. Foi escrito em dialeto toscano.



últimas que todo mundo, sem exceção, aceitará como esgotantes de todas as possibilidades” (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 362). A partir da história de *Decamerão*,

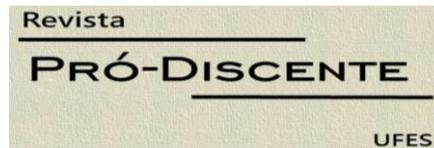
Bakhtin não está só ao reconhecer a heterogeneidade e a contradição que dominam a vida humana e a conseqüente especiosidade de todas as pretensões ao absoluto. *Mas, ao contrário de muitos outros, ele não julga que a ausência de certeza seja algo deplorado.* Sua singularidade reside nos múltiplos modos pelos quais celebra e especifica o caráter imprevisível do mundo (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 362 grifo nosso).

Assim sendo, o dialogismo, proclamado por Bakhtin ao longo de sua vida, “[...] baseia-se na inelutabilidade de nossa ignorância, na presença necessária de brechas em nossos mais caros esquemas e mais elaborados sistemas”. Para os autores, Bakhtin, diante do dialogismo, chega a ponto de regozijar-se com a “[...] fatalidade da incerteza, que ele interpreta como a constante disponibilidade de uma via de escape, não havendo nenhum beco sem saída” (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 362). Assim, para Bakhtin, o dialogismo se apresenta como uma metafísica da escapatória. Nessa direção, em consonância com os autores, pensamos que muito embora tal “[...] fenda de escape seja a fonte de frustração, da dor e do perigo que temos de enfrentar em um mundo tão dominado pelo incognoscível, também constitui a necessária precondição para qualquer liberdade que possamos conhecer” (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 362).

Conforme apontam os autores e, concordamos com eles, “[...] a capacidade, embora altamente circunscrita como é, de a pessoa moldar em forma de diálogo significados fugazes deu origem muito cedo à ilusão de que o significado é fixo”. As conseqüências desse modo de pensar a vida permitiram que “[...] os que mantinham esse ponto de vista podiam abrir mão da batalha e da incerteza de um mundo que está em incessante fluxo”. No entanto,

[...] o preço pago por semelhante certeza era alto: a superstição que afirma ser possível a verdade absoluta deu origem a opressivos sistemas políticos e religiosos, dos quais nunca conseguimos nos libertar; e jamais podemos fazê-lo enquanto aceitarmos a condição prévia que habilitou todos eles, isto é, a possibilidade de alguma verdade que seja absoluta. Os sistemas monológicos de crença invariavelmente sustentam que uma só verdade está contida numa só instituição, como o Estado, ou num só objeto, como um ídolo ou um texto, [...] o ego concebido como um sujeito absoluto, ou o artista-gênio que produz textos únicos (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 363).

Assim, torna-se significativo para o pesquisador das Ciências Humanas, em especial para aqueles do campo dos Estudos Linguísticos pensar que se o “[...] monologismo é a cola conceitual que mantém junto o complexo mosaico de atitudes religiosas, políticas, psicológicas e estéticas que eram típicas da maioria das culturas no passado [...]” (e vemos **Pró-Discente**: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 25, n. 2, p. 33-52, jul./dez. 2019.



que esse mesmo mosaico se evidencia no contexto contemporâneo de nossa cultura ocidental), o “[...] dialogismo é a tentativa de Bakhtin pensar o caminho de saída de um tal monologismo difundido por toda parte” (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 363). Por isso, podemos pensar que para Bakhtin, “[...] o dialogismo não pretende ser meramente outra teoria da literatura ou mesmo outra filosofia da linguagem, mas uma explicação das relações entre povos e entre pessoas e coisas que atalha fronteiras religiosas, políticas e estéticas” (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 363). É nessa direção que esses autores chegam a afirmar que:

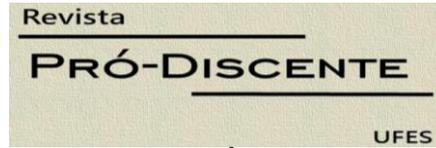
apesar da enorme extensa de tópicos para os quais é relevante, o dialogismo não é o usual sistema abstrato de pensamento. Ao contrário de outros sistemas que reivindicam semelhante abrangência, o bakhtiniano nunca perde de vista as miudezas da vida cotidiana, com toda a sua inabilidade, confusão e dor, [...] mas também com toda a alegria que só a imediação do aqui e agora pode trazer (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 363).

Bakhtin, com essas reflexões, ajuda o pesquisador a se convencer de que não somos *deus da ciência* capaz de *dar vida* ou de *encerrar*, de *ser a última palavra*, pois reconhecemos a impossibilidade de haver *términos* diante da vida, diante do objeto das Ciências Humanas – o homem. Ao mesmo tempo observamos que Bakhtin (2010) se inclina a pensar o irrepetível, o excepcional, o incomparável, o *sui generis* e, portanto, não nega a possibilidade da construção da *unicidade singular*, porém tal construção exige a *alteridade* e o compromisso com o *outro*; uma singularidade em ligação com a vida do universo inteiro, que inclui na sua finitude o sentido do infinito.

A trajetória de vida de Bakhtin chama a nossa atenção também pelo fato de que ao nos apresentar a perspectiva do dialogismo entendemos que ela

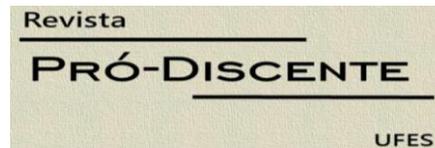
[...] nos liberta precisamente por insistir que todos nós estamos envolvidos necessariamente no fazimento do significado. Na medida em que todos nós estamos envolvidos na arquitetura da responsabilidade por nós mesmos e assim um pelo outro, somos autores, criadores seja qual for a ordem e o sentido que o nosso mundo possa ter (CLARK; HOLQUIST, 2008, p. 363).

Com efeito, compreendemos que o ato da pesquisa deve ser um *ato responsável* e, sob a nossa perspectiva, isso deve ser traduzido, por exemplo, por meio de investigações que tenham em vista íntima intencionalidade com o *bem estar comum* desse *outro* pesquisado.



REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. **Para uma filosofia do ato responsável**. São Carlos: Pedro & João, 2010.
- _____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich; VOLOCHÍNOV, Valentin Nikoláievitch. **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem**. 13. ed. São Paulo: Hucitec, 2012.
- BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin e seu Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009.
- BRANDIST, Craig. **Repensando o Círculo de Bakhtin: novas perspectivas na história intelectual**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CLARK, Katerina; HOLQUIST, Michael. **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- GNERRE, Mauricio. **Linguagem, escrita e poder**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GUIMARÃES, Torrieri. Biografia de Boccaccio. *In: Decamerão*, vol. I, São Paulo: Abril Cultural, 1981.
- MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários: uma introdução crítica a uma poética sociológica**. São Paulo: Contexto, 2012.
- MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (Org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- VOLOCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). **Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.
- ZANDWAIS, Ana. Relações entre a filosofia da práxis e a filosofia da linguagem sob a ótica de Mikhail Bakhtin: um discurso fundador. *In: ZANDWAIS, Ana. (Org.). Mikhail Bakhtin: contribuições para a filosofia da linguagem e estudos discursivos*. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2005. p. 17-28.



Trabalho recebido em: 29/11/2018

Aprovado em: 10/06/2019

Publicado em: 06/03/2020

COMO REFERENCIAR ESTE TRABALHO CONFORME ABNT

STIEG, Vanildo. Bakhtin e seu círculo: preciosas contribuições para a pesquisa em Ciências Humanas. **Revista Pró-Discente**, Vitória, v. 25, n. 2, p. 33-52, jul./dez. 2019.